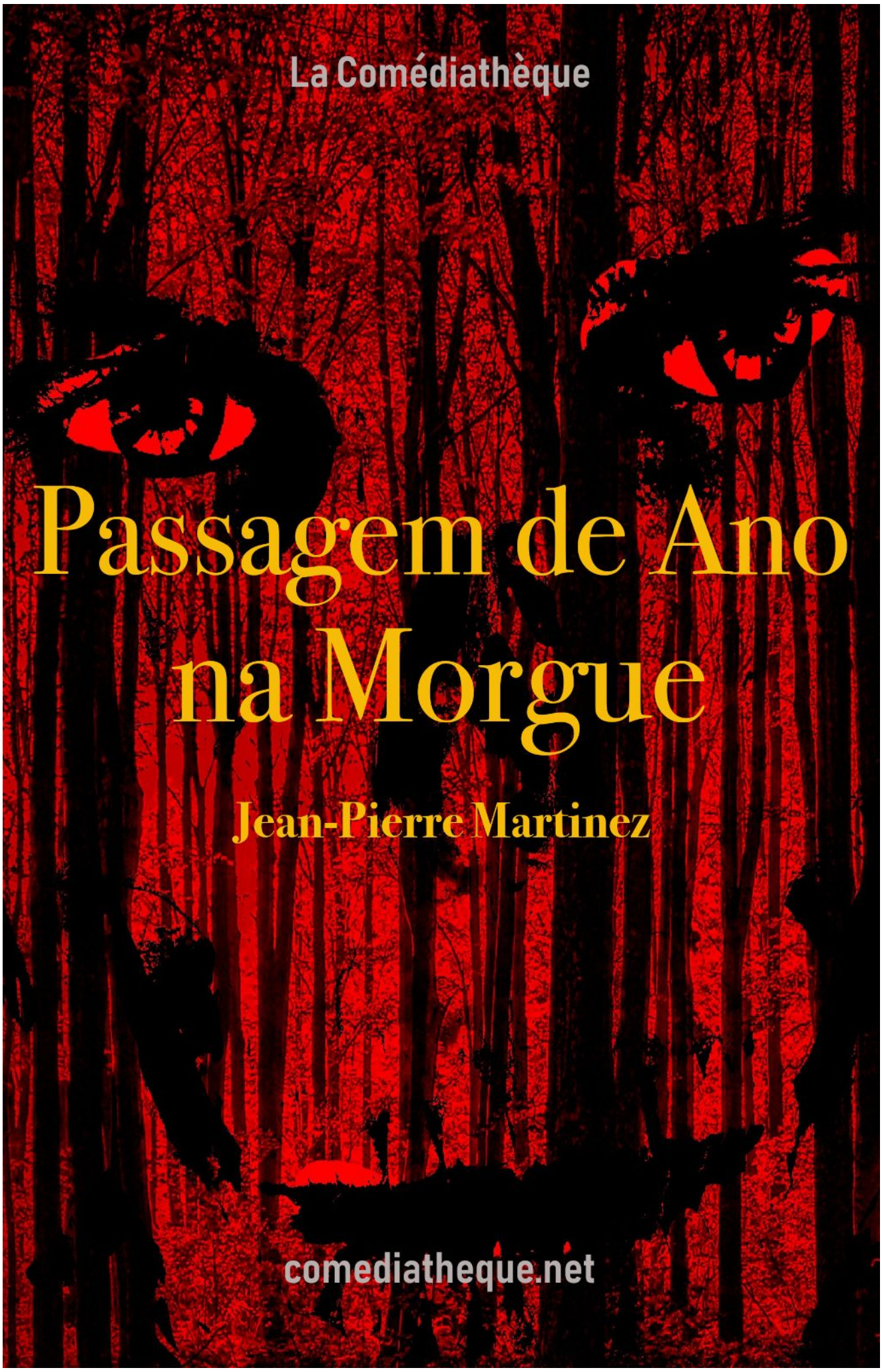
La Comédiathèque
Passagem de Ano na Morgue
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Passagem de Ano na morgue

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Na noite da Passagem de Ano, um enfermeiro está de serviço numa morgue. Uma hora antes da meia-noite, surge diante dele uma mulher envolta apenas num lençol, que não se lembra de quem é nem de onde veio. O que prometia ser uma noite de tédio mortal transforma-se numa sucessão de surpresas... Uma comédia de humor negro, romantismo absurdo e reviravoltas tão inesperadas como as gavetas da morgue.

Distribuição

Homem

Mulher

© La Comédiathèque

Uma sala mobilada apenas com uma secretária e duas cadeiras. Sobre a secretária, um computador antiquado e um telefone velho. Por cima, um letreiro: «Instituto de Medicina Legal – Receção». Ao lado, uma árvore de Natal decorada sem grande entusiasmo. Um homem dorme sentado atrás da secretária. O telefone toca e ele acorda sobressaltado.

Homem – Instituto de Medicina Legal, boa noite. Ah, mãe, és tu... Não, não, eu... estava a trabalhar. Não te preocupes, não estou a trinchar um peru... E também não tenciono levar trabalho para casa no dia de Ano Novo... Olha, por enquanto está tudo bastante calmo. Os meus vizinhos não dão muito trabalho. Sim, eu sei, também preferia passar a Passagem de Ano convosco, mas que queres que faça? Calhou-me outra vez estar de serviço... Como no Natal, exatamente. Ser o único enfermeiro solteiro do serviço tem as suas desvantagens. Devem achar que não tenho mais nada que fazer durante as festas... Sim, mãe, já disseste que tens uma série de raparigas bem-educadas para me apresentar... Eu sei, uma morgue é o sítio ideal para conhecer viúvas, mas imediatamente depois de reconhecerem o cadáver do marido não é propriamente a melhor altura para as convidar para um copo... E não me vou casar só para escapar às noites de serviço na Passagem de Ano! *(Ouve-se um trovão. Há um breve apagão, iluminado por um relâmpago, e a luz regressa.)* Sim, parece que vem aí uma tempestade... Estamos praticamente lotados. Ainda vamos ter de pôr uma placa a dizer «Não há vagas». A época das festas é sempre animada por aqui. E com este tempo... As pessoas bebem até cair. Engasgam-se com uma ostra ou com um osso de peru. Ou esfaqueiam a mulher com a faca das ostras depois de a apanharem nos braços do melhor amigo. Ou caem da varanda a tentar pendurar uma grinalda. Ou vão de encontro a uma árvore a caminho de casa... Enfim, o fim do ano costuma ser uma verdadeira carnificina. Sim, mãe, trouxe o cesto que me preparaste para a ceia. Carne fria, pois claro... Para variar. Também vou pensar muito em vocês. Sim, terei cuidado para não me engasgar com uma espinha de peixe. Bom, tenho de desligar, mãe... Um beijo para todos. Sim, falamos depois...

Desliga o telefone. Abre uma gaveta, prepara uma linha de cocaína e cheira-a.

Homem – Ufa... Isto era capaz de acordar um morto...

Outro trovão. As luzes apagam-se de novo, mas desta vez não voltam a acender-se. Novos relâmpagos.

Homem – Merda... Se a eletricidade não voltar depressa, a refrigeração falha e a carne estraga-se. Deve ter disparado o disjuntor. Mas onde raio fica o quadro elétrico? Se ao menos encontrasse a lanterna...

Sai às apalpadelas na penumbra. Música inquietante. Entra uma mulher envolta num lençol, como numa mortalha. Parece desorientada. Dá uma volta à sala e senta-se na cadeira que o enfermeiro ocupava. Ele regressa com uma lanterna acesa, sem dar por ela.

Homem – Isto é um pesadelo... Onde está o maldito quadro elétrico? Isto ainda me faz saltar a tampa... *(Percorre a sala sem reparar na mulher e desaparece por momentos nos bastidores.)* Ah, cá está! Vejamos... Sim, disparou o disjuntor. Podia ser pior... Basta voltar a levantá-lo... *(A luz regressa.)* E fez-se luz!

Regressa com um sorriso satisfeito, que se lhe congela no rosto quando vê a figura fantasmagórica sentada no seu lugar. Dá um salto.

Homem – Mas que raio está a fazer aqui? Quer matar-me de susto? Ia-me dando um ataque cardíaco!

Mulher – Peço imensa desculpa...

Homem – Morrer numa morgue na noite da Passagem de Ano... Convenhamos que seria uma morte bastante estúpida.

Mulher – Numa morgue...?

Homem – Mas que roupa é essa? Acabou de sair da cama?

Só então parece reparar que está vestida apenas com um lençol.

Mulher – Ah, sim... Tem razão...

Homem – Está mascarada de fantasma? Vai a alguma festa de máscaras?

Mulher – Não, não me parece...

Homem – Mas, afinal, quem é a senhora?

Mulher – Eu... Não sei...

Homem – Não sabe?

Mulher – Não. Não faço a menor ideia.

Homem – Seja como for, não pode ficar aqui. Vou ter de lhe pedir que saia.

Mulher – Sair? Para onde?

Homem – Para onde? Sei lá... Volte para o sítio de onde veio. Para começar.

Mulher – Bem queria, mas... não sei de onde venho.

Homem – Não sabe quem é, não sabe de onde vem... Mas ao menos há de saber onde está, não?

Mulher – Não. Onde estamos?

Homem – Está na receção do Instituto de Medicina Legal, minha senhora. *(Aponta para o letreiro.)* Está ali escrito. Se procura as Urgências, enganou-se no piso.

Mulher – As Urgências? Não, não estou à procura das Urgências.

Homem – Não parece estar no seu estado normal... Bebeu demais? Ainda nem são onze da noite. Normalmente, só encontramos pessoas nesse estado às seis da manhã, depois das festas.

Mulher – Ah... Então hoje é noite de Passagem de Ano?

Homem – De qualquer maneira, não pode ficar aqui.

Mulher – Tenho sede.

Homem – Está branca como a cal... ou como uma morta. Sente-se bem?

Mulher – Sim... Mas tenho sede.

Homem – Vou buscar-lhe um copo de água e depois vai-se embora. Até lá, não mexa em nada, está bem? Aqui é um pouco como na casa do Barba Azul: há portas... e gavetas que mais vale não abrir.

Mulher – Tem um espelho?

Homem – Um espelho?

Mulher – Sim.

Homem – Devo ter um por aqui. *(Abre várias gavetas.)* Antigamente, nas morgues, usava-se um espelho para confirmar que alguém já não respirava. Ainda o utilizamos de vez em quando...

Tira um espelho da última gaveta e entrega-lho.

Mulher – Obrigada.

Homem – Mas, antes de retocar a maquilhagem, talvez fosse melhor vestir-se...

Ele sai. Ela olha-se ao espelho, como se não se reconhecesse. Deixa-o sobre a secretária, levanta-se, atordoada, e volta a percorrer a sala. O telefone toca. Ela atende.

Mulher – Estou...? Boa noite, minha senhora... Sim, ligou para o... *(Olha para o letreiro.)* Instituto de Medicina Legal. Não, não sou a enfermeira de serviço... Pelo menos, acho que não... O seu filho? Não sei, parece-me que acabou de sair. Está bem... Eu digo-lhe. Um bom ano também para si. Boa noite...

Desliga. Ele regressa com um copo de água e entrega-lho.

Homem – Aqui tem...

Mulher – Obrigada.

Ela bebe a água de um só trago e pousa o copo sobre a secretária. Ele observa-a, apreensivo e em guarda.

Homem – Melhor?

Mulher – Estou bem... *(Olha para ele.)* E o senhor?

Homem – Eu?

Mulher – Também parece um pouco perturbado.

Homem – Não, não, estou bem...

Mulher – Ah, é verdade, o telefone tocou...

Homem – E então?

Mulher – Tem de voltar a ligar à sua mãe.

Homem – Atendeu o telefone?

Mulher – Sim... Não devia? Desculpe... Tocou, eu atendi... Foi um reflexo...

Homem – Isto é uma morgue. Não é suposto atender os telefonemas daqui.

Mulher – Era a sua mãe...

Homem – Isso já percebi.

Mulher – Parece... bastante nervoso. O que se passa?

Homem – Aparece aqui em plena tempestade, às escuras, envolta num lençol... Estamos numa morgue... E ainda me pergunta o que se passa?

Mulher – Estou muito confusa...

Homem – Confusa... Isso é evidente.

Mulher – Acho melhor ir-me embora...

Ela faz menção de sair. Ele detém-na.

Homem – Espere... Desculpe. Tem razão. Não devia exaltar-me assim.

Mulher – Não sei o que se passa comigo... *(Ao ver a expressão perplexa dele.)* Tem alguma coisa para me dizer, não é?

Homem – É que... não é muito fácil dizer-lhe...

Mulher – Estou a ouvir...

Homem – Para ir buscar a água, atravessei a câmara frigorífica... Enfim, a sala onde guardamos os...

Mulher – E então?

Homem – Uma das gavetas estava aberta... A número 99... E vazia.

Mulher – Vazia...

Homem – Vazia. *(Pausa.)* Não terá saído dessa gaveta, por acaso?

Silêncio.

Mulher – Quer dizer... que eu estava morta?

Homem – Não sei... É só uma hipótese. Desapareceu um corpo, a senhora aparece logo a seguir, envolta num lençol, sem se lembrar de nada... Ponha-se no meu lugar.

Mulher – Neste momento, acredite que preferia estar no seu lugar e não no meu.

Homem – Sim, compreendo.

Mulher – Então... teria morrido e voltado à vida?

Homem – Estou a tentar perceber.

Mulher – Acha que é possível?

Homem – Em teoria, não.

Mulher – Mas já aconteceu alguma vez?

Homem – Que eu saiba, só na Bíblia. Enfim, quem sabe? Aqui vê-se de tudo. Mas, nesta morgue, nunca vi nada semelhante...

Mulher – Tem a certeza?

Homem – Acredite, já vi muita gente chegar aqui de pés para a frente. Nunca vi ninguém sair pelo próprio pé.

Mulher – Então...?

Homem – Não, não pode ser isso...

Mulher – Mas...?

Homem – Mas continua a faltar-me a ocupante da gaveta 99.

Mulher – Conhece-os a todos?

Homem – Quem?

Mulher – Os seus... clientes.

Homem – Pessoalmente, não. Mas quando não tenho nada para fazer, às vezes entretenho-me a consultar os processos. E de vez em quando também recebemos celebridades, sabia?

Mulher – Sim... Mais cedo ou mais tarde, todos acabamos numa morgue.

Homem – O que é mais raro é sair daqui para um sítio que não seja o cemitério...

Pausa.

Mulher – E se outros mortos acordassem?

Homem – Está mesmo decidida a estragar-me a Passagem de Ano... Diga-me que isto é uma partida.

Mulher – Uma partida?

Homem – Nos hospitais estamos habituados a brincadeiras macabras. São as típicas partidas dos estudantes de Medicina. Admito que esta teria imensa graça... se fosse uma partida.

Mulher – Garanto-lhe que não é. *(Pausa.)* Acredita em fantasmas?

Homem – Se acreditasse, acha que teria escolhido esta profissão? Aliás, quando digo «escolhido»... Não pense que foi por vocação.

Mulher – Então talvez seja... uma morta-viva. Uma zombie...

Homem – Entre uma morta-viva e uma zombie, não sei o que prefiro.

Mulher – Não tenha medo. Não lhe quero fazer mal. Preciso é de ajuda...

Homem – Tirando o lençol, não tem grande aspeto de fantasma. *(Aproxima-se.)* Dá-me licença?

Segura-lhe na mão. Ela recua instintivamente.

Mulher – O que está a fazer?

Ele verifica-lhe o pulso.

Homem – Tem a mão gelada. Normal, se acabou de sair do frigorífico. Mas o pulso está normal. Não, decididamente não é um fantasma.

Mulher – Então o que sou?

Homem – Não sei.

Mulher – Se fosse mesmo uma ressurreição... seria um milagre.

Homem – Por detrás de quase todos os milagres há um erro de diagnóstico. Em Lourdes curam sobretudo doentes imaginários.

Mulher – Não estou a perceber...

Homem – Podem tê-la declarado morta sem estar.

Mulher – Isso acontece?

Homem – Não devia acontecer. Mas suponho que já tenha acontecido.

Mulher – Mas isso não explica que não me lembre de nada... E se estivesse simplesmente louca?

Homem – Ou então sou eu que estou a delirar.

Mulher – O senhor?

Homem – Se calhar estou a imaginar tudo isto... *(Pausa.)* Belisque-me!

Mulher – Desculpe?

Homem – Belisque-me! Se estiver a sonhar, acordo e acaba-se o pesadelo.

Mulher – Está bem...

Ela belisca-o.

Homem – Ai!

Mulher – Então?

Homem – Pelos vistos, não estou a sonhar.

Mulher – Ou então está a sonhar que eu o belisco.

Homem – Infelizmente, também é uma hipótese... E não se lembra mesmo de nada?

Mulher – Não...

Homem – Mas não perdeu a capacidade de falar... Alguma coisa há de recordar. Faça um esforço. Concentre-se. Qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça?

Ela concentra-se.

Mulher – Um bolo.

Homem – Um bolo?

Mulher – Um bolo de aniversário.

Homem – Um aniversário... O seu?

Mulher – Sim, suponho.

Homem – Que nome estava escrito no bolo?

Ela volta a concentrar-se.

Mulher – Cristina! «Parabéns, Cristina!»

Homem – E tem a certeza de que era o seu aniversário?

Mulher – Acho que sim. Estou prestes a soprar as velas.

Homem – Quantas velas havia?

Ela fecha os olhos para se concentrar melhor.

Mulher – Três!

Homem – Ah, pois... Isso não nos ajuda muito...

Silêncio.

Mulher – Talvez, quando morremos, haja uma atualização automática. Esquecemos tudo para podermos renascer como outra pessoa. Um bebé, por exemplo.

Homem – E desta vez alguma coisa correu mal? Uma falha informática?

Mulher – E, em vez de reencarnar, renasci no mesmo corpo...

Homem – Mas com as memórias da vida até aos três anos.

Silêncio.

Mulher – Sabe quem era a mulher daquela gaveta?

Homem – A número 99...? Sim, está no processo. Mas é confidencial.

Mulher – Por outro lado, se for eu...

Homem – Tem razão. Se for mesmo a senhora, não há segredo médico que valha. *(Senta-se ao computador e começa a teclar.)* Vejamos... 96, 97, 98... Cá está, 99.

Mulher – Então?

Homem – Chama-se mesmo Cristina... Cristina Wagner...

Mulher – Como no bolo!

Homem – Como no bolo, precisamente.

Mulher – Que mais? Talvez me ajude a recuperar a memória...

Volta a consultar o ecrã do computador.

Homem – Nasceu em 1989... a 31 de dezembro.

Mulher – Então... hoje é o meu aniversário!

Homem – Parabéns, Cristina. Desculpe, não tinha bolo preparado...

Mulher – Que mais?

Homem – Profissão: psicoterapeuta...

Mulher – Psicoterapeuta?

Homem – Também não se lembra disso?

Mulher – Não. E... sou casada?

Homem – Sim... com um tal Richard.

Mulher – Richard Wagner...

Homem – O nome diz-lhe alguma coisa?

Mulher – Vagamente...

Homem – Data do óbito... Foi ontem.

Mulher – E de que morri?

Homem – Causa da morte... intoxicação por medicamentos. Autópsia pedida.

Mulher – Há alguma fotografia?

Homem – Sim... Mas aviso-a, não é uma imagem agradável.

Mulher – A fotografia está assim tão mal?

Homem – É uma fotografia tirada depois da morte.

Mulher – Mostre-me na mesma...

Ela espreita o ecrã do computador.

Homem – Eu avisei. Não é propriamente a fotografia que mais a favorece.

Mulher – Pois... Estou com péssimo aspeto.

Homem – Acredite, os mortos raramente estão com bom aspeto...

Mulher – Talvez devêssemos avisar a minha família... O meu marido...

Homem – Bem... Já não é por mais uns minutos, pois não? Além disso, vão apanhar um susto enorme.

Mulher – Sem dúvida.

Homem – Não sei se posso assumir a responsabilidade de avisar os seus familiares. Primeiro era preciso confirmar tudo, garantir que não houve engano, não lhes dar falsas esperanças. Em resumo, oficializar a sua ressurreição.

Mulher – Oficializar? Como fazem com os milagres?

Homem – O médico-legista teria de a examinar novamente. Reconhecer que se enganou, que afinal não estava morta. Mas já sabe como são os médicos: se há coisa que detestam é admitir que cometeram um erro.

Mulher – Então temos de telefonar ao médico-legista! Imediatamente!

Homem – Infelizmente não tenho o número pessoal dele. Hoje sou eu que estou de serviço. É noite de Passagem de Ano; deve andar algures a festejar.

Mulher – Então não existe nenhum procedimento para emergências?

Homem – Sabe, não é muito frequente haver emergências numa morgue...

Mulher – Não sei... Não devíamos pelo menos avisar a polícia?

Homem – Vão pensar que é uma brincadeira de mau gosto... É noite de Passagem de Ano. Está tudo bêbedo. Eu próprio tomei umas substâncias proibidas para me esquecer de que ia passar o ano com uma centena de cadáveres. Preferia não ser submetido a testes agora...

Mulher – Então o que fazemos?

Homem – Nesta altura, já podemos esperar até amanhã de manhã. O meu turno acaba às seis... Aviso quem me vier substituir e vemos o que se pode fazer.

Mulher – Desculpe estar a causar-lhe tantos problemas.

Homem – O importante é estar viva. Mas, se for mesmo alguém que regressou dos mortos, também não vai ter uma vida fácil, acredite...

Mulher – Pensei que, depois de sair daquela gaveta, o pior já tinha passado...

Homem – Acredite, os seus problemas estão apenas a começar. Depois de uma pessoa ser declarada morta e de toda a gente se habituar à ideia...

Mulher – Infelizmente, talvez tenha razão.

Homem – E nem falo da burocracia. Quando a administração decide que uma pessoa está morta, nem sempre é fácil convencê-la do contrário.

Mulher – Estou a começar a achar que era mais simples voltar para a minha gaveta.

Homem – Como se sente?

Mulher – Bem.

Homem – É que, se quiser, ainda posso pedir a um médico interno que a examine.

Mulher – Mas o senhor é enfermeiro, não é? Já me examinou...

Homem – Sim, mas não sou especialista em mortos-vivos.

Ela olha à sua volta.

Mulher – Então é aqui que trabalha...

Homem – Sim.

Mulher – E... toda a gente acaba por passar pelo Instituto de Medicina Legal?

Homem – Não. Normalmente, as pessoas vão para uma casa mortuária. Se está aqui é porque houve uma morte suspeita.

Mulher – Suspeita?

Homem – Digamos... uma morte cujas circunstâncias não estão esclarecidas. Suicídio... ou homicídio.

Mulher – Acha que alguém me pode ter envenenado?

Homem – Isso... é a investigação que vai dizer. Depois da autópsia.

Mulher – Da autópsia?

Homem – Bem, no seu caso, é evidente que já não seria propriamente uma autópsia.

Mulher – Mas quem poderia querer assassinar-me?

Homem – Pois...

Mulher – O meu marido?

Homem – Daí ser melhor pensar duas vezes antes de o avisar. Imagine que é ele quem a vem buscar à morgue...

Mulher – Porque é que o meu marido haveria de querer matar-me?

Homem – Razões para matar o cônjuge não faltam, acredite...

Mulher – Espero que não esteja a falar por experiência própria... É casado?

Homem – Não.

Mulher – Com essa ideia do casamento, bem vejo porquê.

Homem – Mas também não sabemos se foi assassinato. E, mesmo que tenha sido, nada prova que o seu marido seja culpado.

Mulher – Suicídio, então? Mas porquê?

Homem – Quem sabe...

Mulher – Já estou a ver que me vai dizer que também não faltam motivos para uma pessoa se suicidar... Não é propriamente um otimista.

Homem – Com o trabalho que tenho, sabe... Acabo por ver tudo pelo lado negro.

Mulher – E, no entanto, até numa morgue há boas surpresas. Veja-se o meu caso...

Homem – A senhora, pelo contrário, parece ter uma natureza otimista. Acho que podemos excluir o suicídio.

Mulher – Então foi mesmo um assassinato...

Homem – Mas alguma recordação há de ter, não?

Mulher – Só impressões muito vagas. Uns flashes de vez em quando. A sensação de que a minha mente paira sobre o meu corpo...

Homem – Uau... Eu estava a falar de recordações da sua vida anterior. Isso já é uma experiência do além... Embora se pareça bastante com o que sinto quando fumo um charro.

Mulher – Seja como for, não me lembro de nenhum velhote de barba branca à minha espera às portas do paraíso.

Homem – E os seus últimos momentos? Imediatamente antes de morrer?

Mulher – Não... Nada...

Homem – É que, se tivesse sido assassinada, essa recordação podia ajudar a polícia.

Mulher – Imagino que não seja frequente recolher o depoimento da vítima de um homicídio...

Homem – É pena... Ajudaria a resolver muitos casos por esclarecer.

Mulher – Infelizmente não me lembro das circunstâncias da minha morte... Nem sequer das da minha vida. Curiosamente, tenho a impressão de me lembrar melhor do meu nascimento. Vejo-me na incubadora da maternidade.

Homem – A menos que se lembre também do nome escrito na pulseirinha, isso não nos vai levar muito longe.

Mulher – Não, infelizmente... E eu só tinha três dias, ainda não sabia ler.

Silêncio.

Homem – Seja como for, podia sempre escrever um livro.

Mulher – Um livro?

Homem – A contar a sua viagem ao além!

Mulher – Já lhe disse que não passam de impressões vagas.

Homem – Podia dar-lhes mais algum colorido... Escrevem-se livros por muito menos. Há quem publique quatrocentas páginas só para contar como perdeu uns quilos com uma dieta milagrosa. Uma experiência de quase-morte... Isso ia vender como pãezinhos quentes.

Mulher – Acha?

Homem – Ou então uma peça de teatro...

Pausa.

Mulher – Não aguento mais... Vou sair daqui...

Prepara-se para sair. Ele impede-a.

Homem – Espere...

Mulher – Passei mais de um dia dentro de uma gaveta. Estou a sufocar aqui! Quer impedir-me de ir apanhar um pouco de ar?

Homem – Não, mas não lho aconselho.

Mulher – E se isto for apenas provisório? Talvez eu seja uma espécie de Cinderela zombie. Tenho autorização até à meia-noite e, à décima segunda badalada, volto ao nada. Desta vez para sempre. Portanto, com licença, prefiro ir ao baile em vez de continuar na morgue. Afinal, é Passagem de Ano, toda a gente está em festa. Hei de encontrar alguma festa onde me deixem entrar sem convite.

Homem – Envolta numa mortalha?

Mulher – Também há festas de máscaras...

Homem – As ressurreições são muito raras, é verdade. Mas nada garante que a sua não seja temporária.

Mulher – Até Jesus só ficou quarenta dias. Quanto mais uma simples mortal como eu... Deixe-me passar!

Tenta sair novamente, mas ele volta a detê-la.

Homem – Seja razoável... Foi declarada morta. Já não tem existência legal. Nem direitos. Aos olhos da lei e da sociedade, deixou de existir. É como um recém-nascido que ainda não foi batizado.

Mulher – Batizado?

Homem – Quero dizer, registado, evidentemente. Se eu fosse enfermeiro numa maternidade, deixaria um bebé sair para a rua antes de os pais o registarem no registo civil?

Mulher – Um bebé...? Não estou a perceber...

Homem – Se sair daqui, não terá qualquer espécie de proteção...

Mulher – O que é que me pode acontecer? Morrer uma segunda vez?

Homem – Além disso, não se lembra de nada e não tem dinheiro. Seria uma presa fácil. Se alguém a matasse, ninguém seria responsabilizado. Oficialmente, já morreu. O seu certificado de óbito está aqui...

Mulher – Por outro lado, se já não existo, posso fazer o que me apetecer. Assaltar um banco ou... matar alguém, por exemplo. Podia começar por si...

Homem – É melhor não chegarmos a esse ponto. Se é mesmo isso que quer, não a impeço de sair.

Mulher – Estou a brincar, não se preocupe.

Homem – Está visto que se pode estar morto e conservar o sentido de humor.

Mulher – Nunca matei ninguém, pelo menos acho que não. Não era agora, depois de morta, que ia começar.

Homem – Fique comigo, peço-lhe...

Mulher – Está bem... Não quero causar-lhe mais problemas.

Homem – Obrigado. É um grande alívio, acredite...

Pausa.

Mulher – Mas parece-me que havia outra coisa a incomodá-lo na ideia de perder uma das suas hóspedes... Não me diga que já se afeiçoou a mim...

Homem – Se amanhã de manhã faltar um corpo, vão pedir-me explicações. E vai ser difícil convencer alguém de que o cadáver saiu pelo próprio pé para ir festejar o Ano Novo na cidade. Acusar-me-ão de esconder um cadáver. Ou pior...

Mulher – Mas quem havia de querer roubar um cadáver?

Homem – Já aconteceu. Sabia que chegaram a raptar o cadáver de Charlie Chaplin alguns meses depois da morte dele?

Mulher – Para quê?

Homem – Para exigir um resgate à viúva. Simplesmente.

Mulher – Eu não sou famosa. Ninguém pagaria para me recuperar viva, quanto mais para recuperar o meu cadáver...

Ela senta-se.

Homem – Vá, aproveite mais um bocadinho a sua morte. Não é uma experiência ao alcance de toda a gente.

Pausa.

Mulher – E se a minha ressurreição não fizer toda a gente feliz?

Homem – De certeza que há muita gente que gosta de si... Tirando o seu marido.

Mulher – Não sei... Não me lembro de nada. Talvez fosse uma chata insuportável. Ou um monstro. Se alguém quis matar-me, se calhar até o merecia.

Homem – Pois... Quem sabe...

Mulher – Ou então deixo uma bela herança. Ou uma casa que alguém comprou e só poderá ocupar depois da minha morte...

Homem – Ou talvez os seus familiares já tenham feito o luto... e novos planos.

Mulher – Obrigada por me levantar o ânimo. Está a ajudar imenso...

Homem – Seja como for, temos de tomar uma decisão. A autópsia está marcada para amanhã de manhã...

Mulher – Pois, não posso continuar morta para sempre.

Homem – É uma frase que nunca esperei ouvir aqui.

Mulher – Ah, e tem razão, é noite de Passagem de Ano. Está toda a gente a festejar. A minha ressurreição bem pode esperar pelo ano que vem.

Silêncio.

Homem – E se tudo não passasse de um mal-entendido? Se afinal nunca tivesse morrido?

Mulher – Isso não explica por que razão a gaveta 99 está vazia.

Homem – Talvez tenha sido um erro. Alguém pode ter levado o corpo para preparar o funeral e esquecido de preencher os papéis. Os nossos clientes estão aqui só de passagem. Ficam duas ou três noites, à espera de se mudarem definitivamente para a última morada.

Mulher – Esquece-se de que me chamo Cristina, como a mulher que morreu.

Homem – Pode ser coincidência.

Mulher – Convenhamos que seria uma enorme coincidência.

Homem – E, afinal, nada prova que se chame mesmo Cristina. Só aquela vaga lembrança de um bolo de aniversário... É pouco para tirar conclusões.

Mulher – E a fotografia?

Homem – Uma fotografia de um cadáver... É difícil avaliar a semelhança. Se soubesse quantas pessoas vêm identificar aqui o corpo do cônjuge e nem sequer o reconhecem...

Mulher – Admitamos. Não sou Cristina Wagner, mulher de Richard Wagner. Mas então quem sou? De onde vim?

Homem – Talvez tenha fugido de um hospital psiquiátrico.

Mulher – Acha que estou louca?

Homem – Seja como for, tem amnésia.

Mulher – Talvez...

Silêncio.

Homem – Ou então o louco sou eu.

Mulher – O senhor?

Homem – Talvez tenha inventado toda esta história. Sabe, trabalhar numa morgue acaba por dar cabo da cabeça a uma pessoa.

Mulher – Sim, mas eu estou aqui.

Homem – Nesse caso, somos os dois loucos.

Mulher – Quem sabe.

Homem – Fugimos de um manicómio e viemos parar à morgue.

Mulher – Como é que chegámos aqui?

Homem – É simples, basta apanhar o elevador. Estamos num hospital. A Psiquiatria fica no último piso e o Instituto de Medicina Legal na cave.

Mulher – Mas temos sequer a certeza de estar numa morgue?

Homem – Há um letreiro, apesar de tudo.

Mulher – E se tudo isto fosse fruto da nossa imaginação doentia...?

Homem – Isto está a ficar complicado demais para mim.

Mulher – Essa Cristina que morreu... Disse que era psicoterapeuta, não foi?

Homem – Foi o que julguei ler na ficha.

Mulher – Então talvez eu seja a sua psicoterapeuta.

Homem – Uma psicoterapeuta louca?

Mulher – Geralmente, essa gente já tem um parafuso a menos. Para escolher uma profissão dessas...

Homem – Um louco cuja terapeuta é uma louca e, ainda por cima, está morta. Tem razão, já começo a perceber tudo muito melhor.

Mulher – Pois... Não sei se éramos loucos, mas estamos certamente a ficar.

O telefone toca. Ele atende.

Homem – Ah, mãe... Sim, sim, está tudo bem. Não, continua tudo muito calmo... Pelo menos, não houve novas entradas. Diria até que aconteceu o contrário... Saídas? Também não, não. Ainda não... A minha voz está estranha? Não, mãe, juro-te que aqui não há nada de estranho. Ah, sim, a rapariga com quem falaste há bocado... Sim, é a Cristina. Claro que a trato pelo nome, como querias que a tratasse? Não, mãe... É só uma colega. Sim, é muito simpática, mas... Olha, depois ligo-te, está bem? Divirtam-se.

Ele desliga.

Mulher – Não lhe contou nada?

Homem – O que podia dizer-lhe? Estou a passar a Passagem de Ano a sós com uma mulher bonita... mas tenho razões para suspeitar que seja uma zombie.

Mulher – Uma mulher bonita...?

Homem – Já me custaria apresentar à minha mãe uma rapariga que conheci num bar. Imagine uma que encontrei numa gaveta da morgue... De qualquer forma, causou-lhe uma excelente impressão. Mas não se entusiasme: ela é capaz de tudo para conseguir netos. Até de me arranjar uma zombie.

Mulher – Portanto, é um solteirão convicto.

Homem – Segundo a minha mãe, arrisco-me a ficar para tio...

Mulher – Porque é que nunca se casou?

Homem – Não sei... Ainda não tinha encontrado a pessoa certa. Até hoje...

Mulher – Até hoje?

Um momento de embaraço. É evidente que se sentem atraídos um pelo outro.

Homem – Isto não é nada sensato...

Mulher – Não... E o que diria a sua mãe?

Homem – Até lhe propunha irmos juntos passar a noite com a minha família, mas estou de serviço.

Pausa.

Mulher – E as coisas daquela mulher? Ainda as tem?

Homem – As coisas dela...?

Mulher – Quando os seus clientes chegam aqui, imagino que ainda vêm vestidos. É o senhor quem os despe, não?

Homem – Sim, claro...

Mulher – Foi o senhor que me despiu?

Homem – Eu... Já não me lembro... Acho que me lembraria...

Mulher – Mas tem as minhas coisas guardadas em algum lado, não tem? Enfim, as coisas daquela mulher.

Homem – Sim.

Mulher – Se visse os meus objetos pessoais, talvez recuperasse a memória... E, pelo menos, podia vestir-me.

Homem – Com certeza...

Mulher – Então?

Homem – Vou ver o que consigo fazer...

Ele sai. Sozinha, ela pega no espelho e observa-se de novo.

Mulher – Não estou assim com tão mau aspeto... para alguém que morreu ontem.

Ela compõe o cabelo. Ele regressa com algumas peças de roupa e uma mala.

Homem – Aqui estão as coisas de Cristina Wagner.

Mulher – Obrigada. *(Um pouco embaraçada.)* Importa-se que me vista?

Homem – Faça favor...

Com um movimento hábil, ela tira o lençol que a cobre e estende-o diante de si.

Mulher – Pode segurar o lençol e fechar os olhos?

Homem – Mas, se fechar os olhos, o lençol já não serve para nada...

Mulher – É verdade, mas se alguém entrasse...

Homem – Tem razão.

Mulher – E não sei porquê, tenho a sensação de que estão a olhar para nós... Não sente o mesmo?

Homem – Sinto... Mais um efeito da nossa imaginação doentia, suponho.

Ele segura o lençol bem esticado. Ela veste as roupas que ele trouxe.

Mulher – Já pode abrir os olhos.

Ele abre os olhos e baixa o lençol. Vestida, ela parece ainda mais sedutora do que envolta no lençol, e ele fica deslumbrado.

Homem – Ah, sim... Assim parece muito menos um fantasma.

Mulher – Esta roupa assenta-me que nem uma luva. Deve ser mesmo minha...

Homem – Pois...

Ela dá alguns passos.

Mulher – Havia uma mala também.

Ele entrega-lhe a mala.

Homem – Está aqui...

Ela abre a mala e examina o conteúdo. Tira de lá um telemóvel.

Mulher – Até tem um telemóvel... Aqui deve estar sempre a tocar.

Homem – Normalmente tentamos pô-los em modo de avião.

O telemóvel começa a tocar.

Mulher – Este, pelos vistos, escapou... *(Por reflexo, atende.)* Cristina Wagner, estou...?

Homem – Aconselho-a a desligar.

Ela termina a chamada e pousa o telemóvel na secretária.

Mulher – Tem razão. Acho que é melhor, por enquanto.

Homem – Deve ser alguém a desejar-lhe um bom ano.

Mulher – Ainda não deve ter recebido a participação de óbito.

Homem – Afinal, só morreu ontem.

Ela volta a remexer na mala e tira um batom. Pinta ligeiramente os lábios.

Mulher – Combina com o meu tom de pele?

Homem – Muito bem... Dá-lhe um ar mais...

Mulher – Mais vivo?

Homem – Mais feminino.

Mulher – Uma mulher, quando morre, continua a ser feminina...?

Homem – Ah, isso é de uma canção da Brigitte Fontaine. Conhece a Brigitte Fontaine?

Mulher – Pelos vistos, conheço as canções dela. Mas, sobretudo, tenho a impressão de já ter ouvido essa fala noutro sítio.

Homem – Que fala?

Mulher – O que acabou de dizer: «Isso é de uma canção da Brigitte Fontaine.»

Homem – Ah, sim...?

Mulher – Já me lembro! É de outra peça do mesmo autor.

Homem – Outra peça?

Mulher – Parece que é um autor que tem tendência para se repetir.

Homem – Mas quando fala em «falas», quer dizer... que nós os dois estamos a representar uma peça de teatro?

Mulher – Também é uma hipótese bastante séria, não acha?

Homem – Sempre explicaria muita coisa.

Mulher – É verdade que, no teatro, é muito mais frequente os mortos regressarem à vida.

Pausa.

Homem – Curioso... Nunca a imaginei fã da Brigitte Fontaine.

Mulher – Porquê? Tenho ar de parva?

Homem – De maneira nenhuma... Quero dizer... É um pouco nova para isso, só isso.

Mulher – Que idade me dava?

Homem – Vi a data de nascimento na certidão de óbito. Mas teria dito que tinha menos dez anos.

Mulher – É muito galante da sua parte.

Homem – Seja como for, é encantadora... para uma morta.

Ela parece um pouco perturbada.

Mulher – E o senhor também não está nada mal... para um cangalheiro.

Homem – Se posso levar a metáfora mais longe, diria que é de comer e chorar por mais.

Mulher – Mas isso podia levar-nos por caminhos perigosos, não acha?

Um momento de embaraço. Sentem-se cada vez mais atraídos um pelo outro. Ouvem-se ruídos da festa: petardos, buzinas, gritos...

Homem – Olhe, já é quase meia-noite.

Mulher – Então, bom ano!

Homem – Bom ano para si também.

Mulher – O que podemos desejar um ao outro?

Homem – Não sei...

Mulher – Podemos sempre dar dois beijinhos, não?

Homem – Porque não...?

Preparam-se para trocar dois beijinhos no rosto, mas acabam por se beijar apaixonadamente na boca. Afastam-se, embaraçados.

Mulher – Desculpe, peço imensa desculpa.

Homem – Não, a culpa foi minha. Não sei o que me deu.

Mulher – Eros e Tânatos... O amor e a morte... Como se costuma dizer, os opostos atraem-se...

Homem – Parece perceber muito do assunto. Se calhar é mesmo psicanalista.

Mulher – Se eu for a sua psicanalista, é perfeitamente natural que se tenha apaixonado por mim.

Homem – A sério?

Mulher – Toda a gente se apaixona pelo seu psicanalista. Chama-se transferência.

Pausa.

Homem – Pergunto-me como vai acabar isto tudo.

Mulher – Acaba bem... se isto for uma comédia. Mas, se for uma tragédia...

Homem – Vai regressar ao sítio de onde veio e eu vou ficar aqui sozinho. Tudo isto há de desaparecer com os vapores da Passagem de Ano, como se tivesse sido um sonho.

Mulher – Sim, talvez seja só uma falha temporária provocada pela passagem para o novo ano.

Homem – E vai desaparecer de repente, depois deste abraço. Como disse há pouco, à décima segunda badalada.

Ouvem-se as doze badaladas da meia-noite. Os dois ficam imóveis, como petrificados.

Mulher – Já passou a meia-noite e eu continuo aqui.

Homem – E continua viva.

Mulher – Tenho medo.

Homem – Eu também.

Mulher – Agora tenho mesmo medo de morrer. Porque tenho medo de o perder.

Homem – Se isto for um sonho, quero nunca mais acordar.

Mulher – E, se for loucura, prefiro continuar louca.

Homem – Isto não faz sentido nenhum. Não posso apaixonar-me por si. Mesmo que não esteja morta, é casada. Isso ainda é pior.

Mulher – Por outro lado, o meu marido já é viúvo. Será muito mais simples.

Homem – Acha?

Mulher – Então o que fazemos?

Homem – A minha mãe preparou-me um farnel para esta noite.

Mulher – Não tenho muita fome.

Homem – Eu também não... Mas podemos sempre beber champanhe.

Ele tira uma garrafa, abre-a e enche duas taças. Entrega-lhe uma.

Mulher – Obrigada.

Homem – À vida...

Mulher – Ao amor...

Brindam e bebem. O telemóvel de Cristina Wagner volta a tocar. Trocam um olhar aflito. O telefone deixa de tocar.

Homem – Não podemos continuar eternamente a fazer de conta que não aconteceu nada...

Mulher – Agora que o encontrei, não o quero perder...

Homem – Se um dia quisermos oficializar a nossa união, primeiro temos de oficializar a sua ressurreição.

O telemóvel volta a tocar. Ela olha para o ecrã.

Mulher – É ele!

Homem – Richard Wagner...

Mulher – Como reagirá quando souber que já não é viúvo...?

Homem – E que, mal ressuscitou, já o está a trair com um empregado da morgue.

Mulher – Aliás, porque é que me está a ligar, se pensa que morri...?

Homem – Para ouvir a sua voz no atendedor de chamadas...?

Mulher – Não o imagino tão sentimental.

Homem – Imagina ou lembra-se?

Mulher – Sim, a memória está a voltar aos poucos. Por agora, são apenas fragmentos. Como peças de um puzzle que tento montar.

Homem – E se foi ele que lhe ligou da primeira vez...? Talvez por engano. Ouviu-lhe a voz e agora sabe que não está morta...

Pausa. Ela parece completamente absorta nos seus pensamentos.

Mulher – Agora lembro-me... *(Petrificada.)* Foi ele que me envenenou...

Homem – Mas... porquê?

Mulher – Vejo desfilar diante dos meus olhos os meus últimos instantes. Uma discussão violentíssima. Acabara de descobrir que, há anos, o meu marido dirige em segredo um grupúsculo neonazi que prepara um golpe de Estado em França...

Homem – Um golpe de Estado... Ah, isso já é a sério... Richard Wagner... É verdade, o nome diz-me vagamente qualquer coisa...

Mulher – Herdei a fortuna dos meus pais. Acho que foi sobretudo por isso que ele se casou comigo. E é com o meu dinheiro que financia às escondidas esse bando de nazis. Disse-lhe que ia pedir o divórcio e que ele ficaria sem um cêntimo...

Homem – Claro, ele não quis ouvir falar nisso. E matou-a para herdar a sua fortuna...

Mulher – Sim... Obrigou-me a tomar aqueles medicamentos, sob a ameaça de uma arma, para fazer passar o homicídio por suicídio.

Homem – Então está armado e sabe que a senhora está aqui. Provavelmente já vem a caminho para acabar o que começou.

Mulher – Ele não arrisca nada! Oficialmente, já estou morta!

Homem – Não se preocupe, estou aqui.

Mulher – O que vai fazer? E se ele aparecer de arma na mão... talvez acompanhado pelos amigos neonazis do Grupo Wagner?

Homem – Para começar, vou avisar o polícia de serviço à entrada do hospital. Não vai ser fácil explicar-lhe tudo, mas posso tentar... *(Beija-a nos lábios.)* Não saia daqui, está bem? Volto já...

Ele sai. Ela fica sozinha, preocupada. Ouvem-se novos trovões. A luz vacila. Há relâmpagos. Ela escreve apressadamente uma mensagem no computador. A sala fica às escuras e ela sai na escuridão. Música melodramática. Ele regressa e encontra tudo às escuras.

Homem – Cristina? O disjuntor disparou outra vez...

Sai por um instante para restabelecer a eletricidade. A luz regressa. Ele volta a entrar e não a vê.

Homem – Cristina?

Parece desorientado. Vê a mensagem no ecrã e lê-a.

Homem *(a ler)* – «Espero por si lá em cima...» *(Para si próprio.)* Lá em cima?

Volta a sair. Música de Wagner. Trovões. Relâmpagos. Regressa completamente alucinado. Cheira outra linha de cocaína e senta-se, tentando recuperar o sangue-frio. O telefone toca. Ele atende.

Homem – Estou? Polícia? Ah, sim... Sim, fui eu que avisei o seu colega há pouco, mas... talvez me tenha precipitado. Peço imensa desculpa, confundi o número 99 com o 66. A etiqueta estava ao contrário, percebe? Um 66 virado ao contrário parece um 99. E, como a gaveta 66 nem sequer devia estar ocupada esta noite, isso quer dizer que afinal estão cá todos os meus hóspedes... O resto deve ter sido fruto da minha imaginação. Não, garanto-lhe que não tomei substâncias alucinogénias. Não, não é preciso dar-se ao trabalho de vir cá. Muito obrigado. Sim, bom ano também para si...

Desliga, arrasado.

Homem – Tenho mesmo de deixar a cocaína... Estou a começar a ter alucinações...

Acaba a garrafa de champanhe.

Homem – Ah, casado ainda este ano... *(Completamente fora de si.)* Bom, preciso de me acalmar, senão, a este ritmo, nem chego ao fim do ano... Um fantasma... Onde fui buscar semelhante ideia? Devo ter tido uma má viagem... Vou dormir um bocadinho. Depois fico melhor...

Fecha os olhos e adormece com a cabeça pousada na secretária.

Escuro.

Na escuridão, ele vira ao contrário o letreiro «Instituto de Medicina Legal – Receção» e volta a ficar na posição em que estava a dormir.

Luz.

No letreiro lê-se agora: «Paraíso – Sala de Espera».

Depois de um instante, a mulher reaparece à boca de cena, desta vez de bata branca.

Mulher – Senhor? *(Como ele não responde, aproxima-se um passo e repete mais alto.)* Senhor!

Ele desperta do torpor e olha para ela, surpreendido.

Homem – Sim?

Mulher *(com um sorriso amável)* – Qual é o seu número?

Ele olha para o cartão que tem na mão e lê.

Homem – 99... *(Ela parece surpreendida. Ele roda o cartão.)* Ah, não, desculpe... 66.

Mulher – Então é a sua vez...

Levanta-se com passos hesitantes e sai com ela.

Escuro. **FIM**

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-977-5

Documento para download gratuito